



Devido ao recesso da colunista, estamos reeditando o observatório geral publicado na edição nº 756 de agosto de 2011.

**O MUNDO ESTÁ DE CABEÇA PARA BAIXO. POTÊNCIAS ECONÔMICAS SE DESMANCHAM NO AR, MOVIMENTOS DE REVOLTA POPULAR PIPOCAM NAS GRANDES CAPITAIS DEMOCRÁTICAS.**

**AQUI, NO BRASIL, A CORRUPÇÃO CRÔNICA CONTINUA SANGRANDO OS COFRES PÚBLICOS E GERANDO ESCÂNDALOS SEM SOLUÇÃO.**

**NOSSA POLÍCIA FEDERAL INSISTE EM PROTAGONIZAR EPISÓDIOS DE SENSACIONALISMO EXPLÍCITO, EXECUTANDO ORDENS DE PRISÃO DOS CORRUPTOS COMO SE FOSSEM CENAS DE FILMES POLICIAIS.**

**NO MEIO DESSA CIRANDA QUE DESMONTA ESTRUTURAS E JOGA O MUNDO DE PERNAS PARA O AR, VLADIMIR SAFATLER FOI BUSCAR EM MARIA ANTONIETA A METÁFORA DAS REVOLUÇÕES EMINENTES.**



**GELEIA GERAL** O mundo está de cabeça para baixo. Potências econômicas se desmancham no ar. As ditaduras árabes, de 30 anos ou mais, desmoronam. Movimentos de revolta popular pipocam nas grandes capitais democráticas da Europa, no norte da África e no Chile, de Piñera. Aqui, no Brasil, a corrupção crônica continua sangrando os cofres públicos e gerando escândalos sem solução. Nossa Polícia Federal insiste em protagonizar episódios de sensacionalismo explícito, executando ordens de prisão dos corruptos como se fossem cenas de filmes policiais. Enquanto isso, entre uma sentença e outra, nossos magistrados e juízes se preparam para um campeonato de golfe patrocinado pelos grandes escritórios de advocacia nacional. Parece enredo de escola de samba, mas é a vida real. E para tentar entender, um pouco, essa geleia geral, anoto algumas ideias que recolhi na mídia da semana.

**FAVORES POLÍTICOS E MONETÁRIOS** Sobre a condição brasileira, o jornalista Josias de Souza publicou uma ótima análise na Folha de S. Paulo (10/8/2011). Ele escreveu que o modelo da democracia brasileira, inaugurado em 1985, foi montado com base em favores políticos e monetários. Em seu texto, ele diz: “(...) em 26 anos, o fisiologismo patrimonial evoluiu da conveniência momentânea para um sistema político que pode ser definido como presidencialismo cleptocrata. Todos os governos que vieram depois da ditadura serviram-se do modelo. Algo que fez de Brasília uma cidade sem culpados. Na capital só há inocentes e cúmplices.”

**QUIPROQUÓ AMERICANO** Dominic Boyer, professor do departamento de Antropologia da Universidade Rice, nos EUA, nos ajuda a entender melhor o quiproquó americano. Boyer entende que “(...) os EUA vêm sendo dominados por dois partidos políticos, um de centro-esquerda e outro de centro-direita, e ambos se comprometeram a promover uma agenda neoliberal de privatização e um modelo de saúde econômica nacional medido pela riqueza crescente da elite do setor privado. A neoliberalização do Partido Democrata, em curso desde a década de 1990, vem empurrando os modos “progressistas” de liberalismo em direção a uma codependência cada vez mais íntima com a antipolítica voraz do neoliberalismo.”

**CABO DE GUERRA AMERICANO** Outro expoente do pensamento lúcido e pertinente, o economista e ex- ministro Delfim

Neto, nos alerta que alguns eventos recentes são uma ameaça ao processo civilizatório. Entre os episódios estruturantes desta ameaça, Delfim destaca: “(...) o cabo de guerra entre republicanos e democratas nos EUA aumentou a incerteza sobre a qualidade e a funcionalidade da administração da maior economia do mundo. Uma lamentável falta de liderança mostrou maior preocupação com interesses eleitoral-paroquiais do que com o papel moral e material que se esperava da nação que se pretende paradigma do regime republicano.”

**RETROCESSO** Para Delfim Neto, outro sintoma de retrocesso é a tragédia na Noruega que, segundo ele, revela uma regressão no espírito civilizatório expresso no extremismo racial e religioso. Nosso economista escreveu ainda que “(...) a separação que se aprofunda entre interesses materiais de longo prazo da China e dos EUA tem grandes consequências para a estabilidade do Oriente Médio e da Ásia. O exemplo é o apoio dissimulado da China (e da Índia) ao Irã com troca física de fornecimento permanente de petróleo – inclusive com construção de oleoduto – por bens industriais chineses.”

**MARIA ANTONIETA** No meio dessa ciranda que desmonta estruturas e joga o mundo de pernas para o ar, Vladimir Safatler foi buscar em Maria Antonieta a metáfora das revoluções eminentes. “Conta a história que a rainha juvenil vivia de festa em festa enquanto o mundo desabava ... Assim como a jovem rainha, a geração que cresceu nos anos 1990, embalada por festas, glamour e consumo, não viu nada de estranho ao seu redor ... Não viu a massa que nunca aparece, da qual apenas ouvimos gritos confusos ... Essa massa sem rosto e lugar é normalmente quem faz a história.”

**PALAVRAS DE ORDEM** Safatler nos lembra que não é difícil entender o que 400 mil pessoas fazem nas ruas de Santiago, ou 300 mil gritam em Tel Aviv: “(...) por trás de palavras de ordem como “educação pública de qualidade e gratuita”, “nós queremos justiça social e um Estado-providência”, “democracia real” ou o impressionante “aqui é o Egito”, ouvido em Israel, eles dizem simplesmente: o mundo que conhecemos acabou. Enganam-se aqueles que veem em tais palavras apenas a nostalgia de um Estado de bem-estar social que morreu na passagem dos anos 1980 para 1990. Essas milhares de pessoas dizem algo muito mais irrepresentável ... Nós estamos dispostos a experimentar algo que ainda não tem nome”.